



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

JOELMA ROCHA SILVA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS E A VALORIZAÇÃO DO
ESPAÇO ESCOLAR: PROCESSOS DE ENSINO PARA UM APRENDIZADO
SIGNIFICATIVO NUMA TURMA DE 2º ANO**

DELMIRO GOUVEIA

2021

JOELMA ROCHA SILVA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS E A VALORIZAÇÃO DO
ESPAÇO ESCOLAR: PROCESSOS DE ENSINO PARA UM APRENDIZADO
SIGNIFICATIVO NUMA TURMA DE 2º ANO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado a banca examinadora como requisito
parcial para obtenção de título de Graduação em
Geografia - Licenciatura - pela Universidade
Federal de Alagoas.

Orientador: Prof. Dr. Eng. Roberval Felipe
Pereira de Lima
Examinador Interno: Prof. Dr. Fernando Pinto
Coelho
Examinador Externo: Profa. Dr^a Carla Taciane
Figueirêdo

DELMIRO GOUVEIA

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Sâmela Rouse de Brito Silva – CRB-4/2063

S586e Silva, Joelma Rocha

O ensino de geografia nos anos iniciais e a valorização do espaço escolar: processo de ensino para um aprendizado significativo numa turma do 2º ano / Joelma Rocha Silva. – 2021.

55 f. : il.

Orientação: Roberval Felipe Pereira de Lima.

Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Desafio. 2. Educação. 3. Ensino de geografia. 4. Sociedade.
I. Título.

CDU: 911:37

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR (A): “Joelma Rocha Silva”

O Ensino de Geografia nos anos iniciais e a valorização do espaço escolar: processos de ensino para um aprendizado significativo numa turma de 2º ano - Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 31 de maio de 2021.

Banca Examinadora:



Orientador (a)

1º Examinador (a)

Prof. Dr. Roberval Felipe Pereira de Lima – UFAL /Campus do Sertão



2º Examinador (a)

Profa. Dra. Carla Taciane Figueiredo– UFAL /Campus do Sertão

3º Examinador (a)



Prof. Dr. Fernando Pinto Coelho – UFAL/Campus do Sertão

Dedico este trabalho a DEUS, pois ELE me orientou e não me deixou desistir. Dedico também aos meus familiares e amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS por nunca ter me deixado desistir, ajudando ultrapassar os obstáculos encontrados ao longo dessa caminhada.

Aos meus familiares pelo incentivo nos momentos difíceis e compreensão em ajudar nas horas que precisei.

Aos meus colegas que se tornaram amigos e incentivadores dessa trajetória. Em especial a Eliel, Thalyne, Carlos, Anaine, Aristiane, Alisson e Tatiane que sempre estiveram juntos permitindo assim que, todos chegassem à formação profissional.

A todos os professores que passaram um pouco dos seus conhecimentos e assim passamos a transmitir para outras pessoas um pouco do que aprendemos. E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte dessa etapa na caminhada da vida, onde não podemos desistir dos nossos sonhos.

RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa realizada com o objetivo de saber como se dá o ensino de Geografia no âmbito do Ensino Fundamental nos 2º anos iniciais, onde o professor além de ter o desafio de ser polivalente, ensinando diversas disciplinas, ainda deve se desdobrar para lidar com a falta de recursos didáticos e de espaços adequados a uma prática de ensino significativo, no qual seus alunos possam de fato se desenvolver. A pesquisa realizada foi de cunho bibliográfico, com uso da entrevista como meio de coleta de dados, os quais foram analisados em uso de gráficos para melhor conhecer o perfil de alunos de uma turma de segundo ano e de seus professores do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal, situada na Cidade de Delmiro Gouveia-AL. Para a realização deste trabalho contou-se com diversos autores que tratam da temática, como Castrogiovanni (2009) e (2014), Callai (2013), Cavalcanti (2013), Libâneo (2012), dentre outros, os quais reafirmam em suas obras os desafios que são materializados no processo de ensino e aprendizagem da Geografia para essas escolas e as demais do nosso Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Desafio; Educação; Ensino; Geografia; Sociedade.

ABSTRACT

The present work is a research carried out with the objective of knowing how the teaching of Geography takes place in the context of Elementary School in the 2nd years, where the teacher, in addition to having the challenge of being versatile, teaching different subjects, must also unfold to deal with the lack of didactic resources and adequate spaces for a meaningful teaching practice, in which its students can actually develop. The research carried out was of a bibliographic nature, using interviews as a means of data collection, which were analyzed using graphs to better understand the profile of students in a second-year class and their elementary school teachers. Municipal, located in the city of Delmiro Gouveia-AL. To carry out this work, there were several authors who deal with the theme, such as Castrogiovanni (2009) and (2014), Callai (2013), Cavalcanti (2013), Libâneo (2012), among others, who reaffirm in their works the challenges that are materialized in the teaching and learning process of Geography for these schools and others in our Brazil.

Keywords: Challenge; Education; Teaching; Geography; Society.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01 - Mapa de localização de Delmiro Gouveia – AL	14
FIGURA 02 - Fachada da escola Vigília Bezerra de Lima	18
FIGURA 03 - Sala de aula e ambiente interno da Escola Vigília Bezerra de Lima	23

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 - Alunos do 2º ano do Ensino Fundamental que compreendem o que é Geografia	48
GRÁFICO 02 - Gosto dos alunos da turma do 2º ano do Ensino Fundamental pela Geografia	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CF – Constituição Federal

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação

PPP – Projeto Político Pedagógico

UNEAL – Universidade Estadual De Alagoas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 INFORMAÇÕES DA CIDADE DE DELMIRO GOUVEIA E CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROF.^a. VIRGÍLIA BEZERRA DE LIMA	14
1.1 Contexto Da Escola De Ensino Fundamental Professora Virgília Bezerra De Lima	16
1.2 Panoramas Educacionais, Pedagógicos e Administrativos da Instituição	17
2 A FORMAÇÃO DOCENTE E SUA IMPORTÂNCIA PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO FUNDAMENTAL	22
2.1 A Importância o Projeto Político Pedagógico para as aulas de Geografia	25
2.2 As aulas de Geografia nos anos iniciais: experiências a partir da pesquisa de campo	29
3 A GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS: A PERSPECTIVA DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE O ENSINO E O APRENDIZADO	32
3.1 A análise de conteúdo como forma de analisar o ensino de Geografia na ótica de professores e alunos.....	35
3.2 O que diz a professora entrevistada sobre o ensino de Geografia na escola em que trabalha?	39
3.3 A Geografia na perspectiva dos alunos de uma turma do 2º Ano do Ensino Fundamental	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

INTRODUÇÃO

Sabe-se que hoje a escola é o espaço que representa o lócus de múltiplas aprendizagens para professores e alunos, complementando e potencializando os saberes que os mesmos aprendem em casa e na sociedade em geral. Esses conhecimentos desde o início de sua aquisição vão contribuir para a formação de pessoas críticas e também aptas ao convívio saudável em sociedade, portanto, é de suma importância que seja ao mesmo tempo flexível e intenso. Contudo, a escola atual não está preparada para realizar de modo eficaz práticas ou processos de ensino que supra a necessidade que os alunos têm de uma formação que os torne mais críticos. Diante disso, observamos dia-a-dia uma instituição que está sufocada com índices de aprendizados baixos e níveis altos de evasão escolar, ao mesmo tempo em que vem tentando inovar para reduzir tais números.

Pesquisas apontam que nem os professores, nem os alunos e nem a própria instituição é culpada destes dados negativos. Na verdade, o problema se dá em nível conjuntural e está relacionado ao gerenciamento do Governo Federal, por meio do Ministério da Educação, se estendendo por estados e municípios, também estruturais, com escolas que não ofertam aos profissionais as condições necessárias aos processos adequados de ensino, ocasionando os problemas já citados, além de professores estressados por conta das cobranças dos resultados.

Atendo-se ao ensino de geografia, observa-se que esse é um problema que ocorre ainda mais intensamente, já que nos anos iniciais apesar de a disciplina estar presente no currículo, os professores são alertados a ensinar somente português e matemática, sendo que o aluno chega aos anos finais do ensino fundamental sem a base necessária ao seguimento do aprendizado dos conceitos trabalhados nesta disciplina.

Uma hipótese a se refletir é a seguinte: o ensino de geografia por se tratar basicamente de conceitos que servem para explicar a realidade local e global pode ser melhor aproveitado nos anos iniciais se o professor trabalhar por meio de aulas práticas, o que valoriza o espaço da escola e, ao mesmo tempo trará os alunos para o contato com a realidade, tendo em vista que os mesmos estão em um momento de desenvolvimento cognitivo que demanda o contato com o objeto de ensino para maximizar e/ou facilitar a aquisição de seus saberes. Neste sentido, aulas pelo bairro onde a comunidade escolar se insere, ou no pátio da escola, por exemplo,

serão mais ricas e tem um melhor aprendizado do que as que se detêm apenas à sala.

Diante deste pensamento, surge o problema a seguir: a escola enquanto instituição responsável por oferecer as melhores condições de ensino possíveis a seus alunos, respeitando o viés econômico, pedagógico e logístico, tem contribuído para que os professores possam trabalhar os conteúdos da disciplina de geografia de maneira lúdica e para além das paredes da escola? Será que os professores estão se preparando pedagogicamente para também compreender os conteúdos geográficos e ensinar melhor eles a seus alunos?

Como justificativa à elaboração deste trabalho trata-se de uma discussão necessária, já que como mencionado, nos anos iniciais os professores e a instituição escolar como um todo estão preocupadas apenas em alfabetizar matematicamente e linguisticamente os seus alunos, deixando em segundo plano a história, a ciência e a geografia. Essas disciplinas representam um problema quando os educandos adentram os anos finais do fundamental e essas consequências se propagam pelo resto de sua vida escolar. Portanto, é hora de pensar em práticas que mude o rumo do ensino de geografia nos anos iniciais, mas, que essas práticas superem apenas a apresentação dos conceitos, e traga estes para o cotidiano do aluno, mediante a uma aula que valorize o ambiente externo da escola, como o bairro, o pátio, a sala de vídeo, etc.

O objetivo geral desta monografia é mostrar que é possível inovar o ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental valorizando o que já existe de recursos na escola e em seus arredores. Os objetivos específicos são: analisar as práticas de ensino-aprendizagem de geografia numa turma de 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública; caracterizar a escola e a turma escolhida, mostrando os aspectos organizacionais, administrativos e pedagógicos e refletir à luz dos teóricos do ensino de geografia e da pedagogia como a inserção de novos modos de ensino pode contribuir para que os alunos desta turma possam ingressar nos anos finais do ensino fundamental com uma bagagem de conhecimentos sólidos e críticos a partir destas práticas.

A metodologia adotada será a qualitativa, tendo no questionário um meio de coleta de dados, também com a leitura de textos impressos e digitais visando-se trazer a literatura já existente em relação ao tema, a qual colaborará no entendimento desse assunto também no momento atual. Autores como

Castrogiovanni (2009) e (2014), Callai (2013), Cavalcanti (2013), Libâneo (2012), dentre outros, terão sua literatura abordada ao longo deste trabalho. Outra forma de se trazer os dados necessários à produção desta monografia será por meio de entrevistas e conversas espontâneas com gestores e professores da escola selecionada.

Em relação aos capítulos, esse trabalho estará dividido em três. No primeiro capítulo, será feita uma caracterização da instituição escolar que será o campo de pesquisa com informações de cunho administrativo e pedagógico, bem como, uma breve caracterização da comunidade escolar, pois é preciso não apenas compreender a realidade da escola do lado de dentro, mas entender a quem ela atende.

No segundo capítulo, será feita a análise de como se dá o ensino de geografia na turma selecionada, neste caso, a do 2º ano do Ensino Fundamental, mostrando aspectos da formação do professor e como ele trabalha os conteúdos de geografia com a turma. Neste capítulo, busca-se ainda entender se o profissional trabalha com aulas de campo ou em outros ambientes que não seja a sala de aula.

No terceiro capítulo, será analisado o ensino de geografia sob a ótica do docente e dos discentes. Será o momento de compreender se as práticas de ensino, incluindo as extra-salas, se houver, estão corroborando com a teoria dos autores trazidos ao longo do trabalho. Também será analisada a importância do ensino de geografia para a vida dos alunos. Também constará nesse capítulo a relação da prática docente e da própria geografia enquanto disciplina, por meio da fala dos alunos.

1 INFORMAÇÕES DA CIDADE DE DELMIRO GOUVEIA E CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROF.^a VIRGÍLIA BEZERRA DE LIMA

O município de Delmiro Gouveia está localizado no extremo oeste do Estado de Alagoas, limitando-se a norte com os municípios de Pariconha e Água Branca, a sul com Paulo Afonso (BA) e Canindé do S. Francisco (SE), a Leste com Olho D'Água do Casado e a oeste com Jatobá (PE), Paulo Afonso e Glória (BA), conforme o mapa 01 abaixo:



Figura 01: Imagem de localização de Delmiro Gouveia – AL. Fonte: www.google.com/delmirogouveia.
[2020](#)

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016), Delmiro Gouveia tem seu primeiro nome Pedra, sendo que a mesma se constituiu a partir de uma estação da estrada de ferro da então Great-Western. A denominação Pedra veio de grandes rochas que existiam junto da estação. Ainda sobre sua história de fundação, o Órgão do governo supracitado também conta que:

Em 1903 chegou à região, vindo de Recife (PE), o cearense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, que se estabeleceu vendendo couros de bovinos e peles de caprinos. Em 1914, ele instalou uma fábrica de linha com o nome de Companhia Agro Fabril Mercantil, atraindo para a região muitos moradores e trazendo o desenvolvimento. Em 1921, Delmiro Gouveia conseguiu dotar o lugar de energia elétrica e água canalizada, vindos da cachoeira de Paulo Afonso. A vila operária recebeu o nome de Pedra, a 'Pedra de Delmiro' (IBGE,2016).

Neste sentido, encontra-se ainda a informação de que em 1938 foi criado o distrito com o nome de Pedra. Em 1945 foi mudada a denominação da vila para o nome que se estabeleceu até hoje, ou seja, Delmiro Gouveia. Contudo, vale ressaltar que apenas em 1952 a cidade foi desmembrada de Água Branca. Para entender a história do município é válida a visita ao Museu Delmiro Gouveia. Como beleza natural, a cidade ostenta parte dos Cânions do Rio São Francisco. Entre as festividades, estão a festa da padroeira e o carnaval.

Em relação a sua formação administrativa o IBGE (2016) aponta que:

Pelo Decreto-lei Estadual n.º 2.909, de 30-12-1943, o distrito de Pedra passou a denominar-se Delmiro. Em divisão territorial datada de 1-VII-1950 o distrito de Delmiro figura no município de Água Branca. Elevado à categoria de município com a denominação de Delmiro Gouveia pela Lei Estadual n.º 1.628, de 16-06-1952, sendo desmembrado de Água Branca. Sede no atual distrito de Delmiro Gouveia. Constituído do distrito sede. Instalado em 14-02-1954. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960 o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2014 (IBGE, 2016).

Conforme dados do censo de 2010 realizado pelo IBGE a população estimada para 2019 é de 52.016 habitantes, apresentando uma densidade demográfica de 79.13 habitantes por quilômetro quadrado. Sobre a economia da cidade, em suma, o salário médio para quem trabalha de modo formal é de 1.7 salários-mínimos, sendo que em 2017 existiam 4.909 pessoas em situação de trabalho formal, o que representa 9.3% da população neste mesmo período.

No aspecto educacional, em 2010 a taxa de escolarização para crianças e adolescentes de 06 a 14 anos era de 96.1%, com Índice de Desenvolvimento da Educação Básica-IDEA com nota 4.2 no ano de 2017. Para o Ensino Fundamental (anos finais) essa nota era menor, sendo 3.8 pontos. A cidade tem apresentado grande índice de evasão escolar, conforme a pesquisa realizada e disposta mais adiante neste trabalho, mas, segundo o IBGE em 2018 o número de matrículas foi de 8.648 para o ensino fundamental e 1.808 para o ensino médio. Delmiro Gouveia apresenta ao todo 33 escolas que atendem ao ensino fundamental e 07 escolas que trabalham com o ensino médio, atendendo a demanda educacional conforme rege as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB) e também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394/1996. Segundo a mesma:

[...] aos Estados e ao Distrito Federal, está assegurar o Ensino Fundamental e oferecer, com prioridade, o Ensino Médio a todos que o demandarem. E ao Distrito Federal e aos Municípios cabe oferecer a Educação Infantil em Creche e Pré-Escolas, e, com prioridade, o Ensino Fundamental (BRASIL, 2013, p.07).

Assim, evidenciamos que os serviços educacionais ofertados no município de Delmiro Gouveia-AL, estão de acordo com o que é estabelecido por Lei, buscando assegurar a formação básica a todos os municípios.

1.1 Contexto Da Escola De Ensino Fundamental Professora Virgília Bezerra De Lima

Fundada em 1960 a Instituição de ensino Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Virgília Bezerra de Lima, leciona na educação municipal e está localizada na principal Avenida do Bairro Eldorado (Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes, S/n, CEP. 57480-000), no município de Delmiro Gouveia – AL.



Figura 02: Fachada da escola Virgília Bezerra de Lima. Fonte: a autora, 2012.

A Escola foi adaptada para receber crianças especiais, mas os professores não tiveram capacitações para atender essas crianças em sua vida escolar. Nas salas junto com os professores tem auxiliares (cuidadores), que também não tiveram capacitação para esse serviço de ajudar os professores na tarefa de ensinar a essas

crianças especiais. A sala dos professores é ampla e aconchegante, há um banheiro unissex, uma sala de direção e uma secretaria.

1.2 Panoramas Educacionais, Pedagógicos e Administrativos da Instituição

A Escola Vigília atende quatro modalidades de ensino que são: Educação infantil, Ensino fundamental I, Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos – EJA. A instituição de ensino funciona nos três turnos: matutino, vespertino e noturno de maneira que venha a desenvolver o potencial dos alunos. A ilustração acima mostra a fachada da escola supracitada. A modalidade normal é regida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB), mediante a Resolução CNE/CEB nº 3/2005, que tomam medidas para o ensino de 09 anos e tomam outras providencias a serem mencionadas abaixo:

O Ensino Fundamental de 9 (nove) anos em duas fases com características próprias, chamadas de anos iniciais, com 5 (cinco) anos de duração, em regra para estudantes de 6 (seis) a 10 (dez) anos de idade; e anos finais, com 4 (quatro) anos de duração, para os de 11 (onze) a 14 (quatorze) anos e se estende, também, a todos os que, na idade própria, não tiveram condições de frequentá-lo (BRASIL, 2013, p.109).

A Escola Vigília como já dito, atende também na modalidade de jovens e adultos (EJA), sendo que esta resolução também abarca os sujeitos que se encaixam nesta modalidade, ou seja, àqueles que não tiveram a oportunidade de estudarem na idade correta.

De acordo com a Lei n. 11.274 de 06 de fevereiro de 2006, a partir do ano de 2010 será o tempo limite para a inserção das crianças de seis anos de idade nas escolas de todo o Brasil, sendo as mesmas públicas ou privadas. A entrada destes discentes concretiza o que já se vinha sendo debatido, que era uma educação de nove anos para o ensino fundamental, que de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/1996). Observando a alteração em um ano, a tal oferta educacional aponta outro objetivo, que é o atendimento de crianças que antes não encontravam ofertas de ensino na rede pública de ensino, não acessando, portanto, a educação.

Um fator muito importante a se debater é em relação às vagas que deverão ser aumentadas em grande parte das instituições escolares do país para abarcar o

novo contingente de discentes que adentrarão a partir do momento em que a lei for sancionada. Mas, para além do pensamento das vagas, se as mesmas serão ampliadas, ou que tipo de manobra vai ser realizada, é preciso, pois, discutir sobre a qualidade deste ensino, sobre a proposta pedagógica, atividades que serão realizadas pelos docentes nestes novos moldes, dentre outros aspectos qualitativos deste novo modelo de ensino brasileiro.

A Instituição Vigília Bezerra de Lima traz como um de seus princípios a qualidade do ensino ofertada a seus alunos, que já apresentam uma realidade difícil na sociedade onde estão inseridos, e por isso, visando ao pleno desenvolvimento do educando no que se refere à formação cidadã e a qualificação profissional, tem como seus os princípios e fins da educação, expressos no artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) N° 9.394/96:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996, p. 9).

Esta escola preza pela unidade com a família no sentido de despertar e potencializar os aspectos físicos, afetivo, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família. Neste sentido, leva a sério o que está posto nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Nessa perspectiva, emprega como seus os objetivos da formação básica, citados nas DCNEB para nortear o processo de ensino e aprendizagem, os quais são:

I – O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;

II – Foco central na alfabetização, ao longo dos três primeiros anos;

III – A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes e da cultura dos direitos humanos e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

IV – O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

V – O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de respeito recíproco em que se assenta a vida social (BRASIL, 2013, p. 38).

Com a observação do Planejamento, Currículo e Avaliação foi possível identificar a partir das entrevistas que o planejamento é realizado semestralmente, havendo encontros pedagógicos mensais, de avaliação das ações e do processo de ensino-aprendizagem. Nesses encontros também são proporcionados momentos de Formação Continuada e estudos, atendendo as expectativas dos professores.

Quanto ao currículo e às atividades desenvolvidas, os conteúdos propostos e os objetivos traçados condizem com a realidade encontrada na sala de aula, essa realidade está representada pelo perfil socioeconômico dos alunos que frequentam as salas de aula. De forma ampla ou restrita, o currículo escolar abrange as atividades desenvolvidas dentro da escola.

As atividades educativas escolares correspondem à ideia de que existem certos aspectos do crescimento pessoal, considerados importantes no âmbito da cultura do grupo, que não poderão ser realizados satisfatoriamente ou que não ocorrerão de forma alguma, a menos que seja fornecida uma ajuda específica, que sejam exercidas atividades de ensino especialmente pensadas para esse fim. São atividades que correspondem a uma finalidade e são executadas de acordo com um plano de ação determinado, isto é, estão a serviço de um plano educacional. A função do currículo, sua razão de ser, é a de explicitar as intenções e o plano de ação que preside as atividades educativas escolares.

No que se refere ao sistema e mecanismo de avaliação da aprendizagem, a escola realiza avaliação diagnóstica semestrais, sendo utilizado nesse meio termo mecanismos de avaliação da aprendizagem dos professores, a saber: a avaliação diagnóstica, visando identificar e avaliar o conhecimento que o aluno traz, a avaliação formativa, visando identificar se as estratégias e os recursos usados para ensinar estão tendo resultados positivos, ou seja, se os alunos estão efetivamente aprendendo. A instituição escolar adota vários instrumentos de avaliação que da abertura ao professor avaliar o conhecimento dos alunos ao longo do processo e não apenas em momentos fechados.

A Escola Vigília Bezerra de Lima também tem em seu Projeto Político Pedagógico-PPP um norte a seguir, sendo que o mesmo encontra-se atualizado traz para a prática também os conteúdos transversais, ou seja, são palestras, dinâmicas, entre outras atividades que buscam contextualizar as disciplinas com temáticas referentes a sexo, aborto, drogas, etc. neste sentido, “Os Temas Transversais, portanto, dão sentido social a procedimentos e conceitos próprios das áreas

convencionais, superando assim o aprender pela necessidade escolar.” (BRASIL, 1997, p. 41).

A estrutura da escola deixa um pouco a desejar, onde se encontra uma quadra poliesportiva que nunca foi finalizada, um pátio externo que não tem como as crianças possam fazer suas brincadeiras, os banheiros tem boas condições de uso, pois são adaptados para deficientes, salas de aula com ventiladores danificados precisando de manutenção, o pátio interno precisa de uma reforma adequada para o lanche se servido da maneira correta, pois os alunos fazem suas refeições sentados nos bancos que não são adequados para alimentação. A ilustração a seguir mostra como é o ambiente interno da escola Vigília.



Figuras 03: Sala de aula e ambiente interno da Escola Vigília Bezerra de Lima

Fonte: o autor, 2012.

Essa é a maior instituição do município, tem um total de 16 salas de aula, 4 banheiros, sendo dois para menina e dois para meninos com adaptações para crianças especiais e portadores de deficiências, biblioteca, sala de multimídia, porém os alunos não tem acesso. O mobiliário é suficiente para alunos e professores, quadro branco em todas as salas, equipamentos e/ou recursos didáticos ainda pouco disponibilizados para uso dos alunos.

Sobre outros aspectos burocráticos da escola, convém pensar que a mesma nada mais do que o reflexo da cultura e da sociedade atual, e a sociedade atual é

mercadológica. Portanto, deve-se ter consonância entre esse aspecto e também a formação humana. É nesse viés que as diretrizes do ensino básico afirmam que:

A escola precisa acolher diferente saberes, diferentes manifestações culturais e diferentes óticas, empenhar-se para se constituir, ao mesmo tempo, em um espaço de heterogeneidade e pluralidade, situada na diversidade em movimento, no processo tornando possível por meio de relações intersubjetivas, fundamentada no princípio emancipador. Cabe, nesse sentido, às escolas desempenhar o papel socioeducativo, artístico, cultural, ambiental, fundamentadas no pressuposto do respeito e da valorização das diferenças, [...]. Contemplar essas dimensões significa a revisão dos ritos escolares e o alargamento do papel da instituição escolar e dos educadores [...] (BRASIL, 2013, p. 27).

É justamente pensando na formação humana de seus alunos, que a Escola Vigília Bezerra de Lima trabalha mediante a diversidade de jeitos, culturas e pensamentos, valorizando um espaço onde o aprendizado é o ponto de partida e também o de chegada, respeitando também o tempo de aprendizado dos educandos, não apenas os tratando como seres sem luz, que dependem do professor para enxergar.

Esse capítulo tinha a proposta de trazer aspectos sociopolíticos, culturais e econômicos do município no qual a instituição pesquisada se encontra, e também trazer as principais informações sobre a forma pela qual se dá o ensino na mesma. Já o capítulo a seguir vai abordar como os professores trabalham o ensino de geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, abordando questões como formação e prática docente, sobretudo, por meio da valorização do espaço da escola e de seus arredores para o aprendizado desta disciplina.

2 A FORMAÇÃO DOCENTE E SUA IMPORTÂNCIA PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO FUNDAMENTAL

A temática abordada neste capítulo do trabalho é a Geografia enquanto um componente curricular que, assim como outro qualquer, exige do professor dos anos iniciais uma preparação ainda maior para que se dê de modo consistente e que auxilie o aluno no seu processo de desenvolvimento e aprendizagem. Outro ponto a ser destacado é a formação para que o docente veja no espaço da sala e também na escola e seus arredores uma ferramenta que vai auxiliar na elaboração do currículo para o ensino de geografia nesta etapa do ensino básico.

Cada realidade é única, por isso, para que este capítulo seja contextualizado, trataremos como pauta o que está posto dentro do Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Vigília Bezerra de Lima, sobretudo, para compreender como se materializa a produção do currículo da escola, bem como, até que ponto há o comprometimento de todos os envolvidos com a sua elaboração em trazer aulas significativas para os educandos, com ênfase no ensino de geografia. Portanto, vale reforçar que toda a temática abrangente neste momento do trabalho terá como centro o PPP da referida escola.

Para começar a falar do ensino de geografia propriamente dito nesta escola, se faz necessário abordar o que os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam como possibilidade ou possibilidades de aprendizado por parte dos alunos ao estarem em contato com esta disciplina:

O estudo de Geografia possibilita, aos alunos, a compreensão de sua posição no conjunto das relações da sociedade com a natureza: como e por que suas ações, individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza, têm consequências – tanto para si como para a sociedade. Permite também que adquiram conhecimentos para compreender as diferentes relações que são estabelecidas na construção do espaço geográfico no qual se encontram inseridas, tanto em nível local, como mundial, e perceber a importância de solidariedade e de comprometimento com o destino das gerações futuras (BRASIL, 1997, p. 113).

Portanto, os PCNS já apontavam para um ensino de geografia que tinha como possibilidade o entendimento do espaço geográfico pelo educando, sendo que nos primeiros anos do ensino fundamental ele era e ainda é introduzido nestes conceitos, e, com o evoluir dos estudos vai compreendendo o espaço e a natureza em diferentes níveis. A geografia como bem aponta a citação acima é parte

integrante e relevante do processo de aprendizado dos alunos, bem como, na sua formação, por que vai suprimindo e ao mesmo tempo mostrando que o aluno deve estar por dentro do espaço e suas transformações. Para que isso se manifeste no mesmo, primeiro o professor deve fomentar ao aluno a conhecer, observar e entender o espaço no qual o mesmo se insere.

São na etapa do ensino fundamental I, como também são conhecidos os anos iniciais do fundamental, que isso deve ser proporcionado, entrando, neste sentido, tanto as práticas de ensino, quanto a (re) leitura e aplicação dos escritos presentes no PPP da escola. Antes de tudo convém ressaltar a própria importância da elaboração de documentos e bases legais que vieram para nortear o ensino de Geografia, sendo primeiramente a Constituição Federal de 1988, que traz uma base geral para o ensino e que também é um documento que mostra a nova face da educação no Brasil. Outros documentos foram surgindo para respaldar ainda mais o que já estava contando na CF/1988. Dentre eles: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB).

A LDB/1996 por si própria é um documento que especifica como dever ser o funcionamento da educação brasileira, já que a Constituição mostra isso de modo geral. Neste sentido, O artigo 32 da LDB 9.394/96, da educação nacional está diretamente ligado ao ensino da Geografia quando ressalta, no inciso III, que, no processo educativo, devemos assegurar aos sujeitos da aprendizagem “a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores que se fundamenta a sociedade” (BRASIL, 2013, p.233).

Neste viés, a LDB e a Constituição Federal corroboram com o que já vem sendo mencionado neste trabalho, que é a valorização do espaço da escola para a promoção de um ensino significativo ao aluno, proporcionando a ele a compreensão do mundo a sua volta, de forma politizada e crítica.

Antes de adentrar ao que está posto no PPP da escola campo de pesquisa, vale ressaltar ainda a importância de outro documento que especifica ainda mais o ensino das disciplinas escolares, sendo a Geografia também inclusa no mesmo. Na década de 1990, mais especificamente no ano de 1998, foram lançados os PCN e neste espaço de Geografia. Este documento traz os seguintes objetivos de ensino para a disciplina de Geografia:

Reconhecer, na paisagem local e no lugar em que se encontram inserida, as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social; Conhecer e comparar a presença da natureza, expressa na paisagem local, com as manifestações da natureza presentes em outras paisagens; Reconhecer semelhanças e diferenças nos modos que diferentes grupos sociais se apropriam da natureza e a transformam, identificando suas determinações nas relações de trabalho, nos hábitos cotidianos, nas formas de se expressar e no lazer; Conhecer e começar a utilizar fontes de informação escritas e imagéticas utilizando, para tanto, alguns procedimentos básicos; Saber utilizar a observação e a descrição na leitura direta ou indireta da paisagem, sobretudo por meio de ilustrações e da linguagem oral; Reconhecer, no seu cotidiano, os referenciais espaciais de localização, orientação e distância de modo a deslocar-se com autonomia e representar os lugares onde vivem e se relacionam; Reconhecer a importância de uma atitude responsável de cuidado com o meio em que vivem, evitando o desperdício e percebendo os cuidados que se deve ter na preservação e na manutenção da natureza (BRASIL, 1997, p. 130/131).

Até os dias de hoje os parâmetros curriculares nacionais têm seu papel de valor no norteamento do ensino de Geografia no país, e isso tem dado oportunidade de os alunos compreenderem a realidade de onde estão inseridos. Agora, se o professor trazer aulas que estejam pautadas na realidade vivida pelos educandos, aproveitando-se ainda do espaço da sala de aula e da escola como um todo para promover aulas práticas, nas quais os alunos estejam em contato com seu objeto de ensino, os objetivos propostos pelos PCNS serão atingidos com mais eficiência e agilidade.

Ainda dentro dos PCNS existe a premissa de que é importante já nos anos iniciais trabalhar com os conceitos geográficos de paisagem e de espaço vivido, pois, é dentro destes conceitos que os mesmos passam a entender a sua e também outras realidades, estabelecendo uma comparação entre os diversos tipos de paisagem já nestes primeiros anos de escola, podendo assim, entender e diferenciar os elementos que compõe os mesmos. Ainda no que tange o ensino de Geografia nos anos iniciais, os PCNS apontam que:

Desde o primeiro ciclo, é importante que os alunos conheçam alguns procedimentos que fazem parte dos métodos de operar da Geografia. Observar, descrever, representar e construir explicações é procedimentos que podem aprender a utilizar, mesmo que ainda o façam com pouca autonomia, necessitando da presença e orientação do professor. (BRASIL, 1997, p. 128).

Outro ponto a se destacar antes de abordar sobre o projeto político pedagógico da escola pesquisada como uma forma de compreender a base legal e

também aprender mais sobre como valorizar a sala de aula e os arredores da escola para práticas significativas de ensino convém ressaltar que os docentes precisam fugir do comodismo e de aulas sumamente decorativas, compreendendo que muito do que consta nesse tipo de aula os educandos já viveram ou já sabem. Eles podem sistematizar essas vivências e transformar isso em saber organizado, mas, é necessário avançar quanto a isso e problematizar os conhecimentos existentes em busca de novos.

2.1 A Importância o Projeto Político Pedagógico para as aulas de Geografia

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Vigília Bezerra de Lima elaborou seu Projeto Político Pedagógico na década de 2000, mas, esse documento passou por uma reestruturação há pouco tempo no sentido de se adequar as novas realidades tanto no que tange a práticas pedagógicas, quanto às mudanças no perfil dos alunos. Com o ensino de geografia essas mudanças também ocorreram, e hoje, necessitou pensar e repensar a proposta de ensino. O PPP da escola foi repensado também no sentido de refletir a seguinte questão: para quem estamos ensinando? A resposta a essa profunda questão está disposta ao longo de todo o documento, que foi produzida pela escola e pela comunidade na qual a mesma se encontra inserida.

Levando-se em conta que é um documento de grande relevância para a comunidade escolar, o PPP necessita seguir o que propõe as Diretrizes Para o Ensino Fundamental, que são orientações para o ensino que não são obrigatórias, mas, que ajudam a nortear quando a escola e o professor acharem que estão sentindo essa necessidade. Diante disto, uma breve análise do documento da escola permite-nos afirmar que o documento segue estas diretrizes quando citas alguns dos incisos constantes nas mesmas e que se referem sobre a proposta do ensino de geografia no ensino fundamental. s incisos III, IV e V11 das DCNEB, contidos no PPP da Escola para orientar os objetivos de aprendizagem no trabalho pedagógico realizado na unidade educativa, são eles:

III – A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes e da cultura dos direitos humanos e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

IV – O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

V – O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de respeito recíproco em que se assenta a vida social (BRASIL, 2013, p. 38).

Quando aborda em seu PPP estes e outros textos das DCNEB, observa-se que a escola leva a sério o que consta no documento e tanta a todo instante ter essa base legal dentro da sala de aula, e isso é importante porque dá sentido à prática docente, sendo que as condições para um ensino e aprendizado significativo também se tornam melhores. Outro ponto que se pode considerar a partir do que consta nos incisos supracitados é a importância que a instituição dá a família dos alunos, sobretudo, quando direciona o ensino para o fortalecimento do vínculo familiar, mediante reuniões periódicas e a questão da emissão do boletim e outros documentos que chamam a família para dentro da escola.

Dentro do ensino de Geografia, o PPP da escola, que foi repensado em 2016, estando com a proposta de ser alterado novamente em 2020, visto que se sentiu esta necessidade, observa-se que é levado a sério o fator do meio ambiente e das relações dentro da comunidade, sobretudo, as funções que cada um desempenha no local onde se insere, bem como, relações familiares, etc. são temas que vem com mais ênfase no documento. Que também menciona que é preciso “conscientizar alunos e toda a comunidade escolar sobre a necessidade de preservar a água e o meio ambiente levando conhecimento e ações práticas” (PPP, 2016, p.32).

A Escola Vigília Bezerra de Lima também trouxe uma proposta que se encontra nos PCNS e que também norteia o ensino de Geografia da Instituição, que é “Reconhecer a importância de uma atitude responsável de cuidado com o meio em que vivem, evitando o desperdício e percebendo os cuidados que se deve ter na preservação e na manutenção da natureza”. (BRASIL, 1997, p. 131). Por isso que a escola tem recebido todo um apoio da própria comunidade no sentido dessa promoção de um ensino que valorize o meio ambiente e a própria questão afetiva. Nesse sentido, o ensino vem melhorando e os resultados aos poucos se revertendo, já que a cultura dos alunos que frequentam a escola é controversa aos valores que a escola quer passar aos mesmos, e isso vem sendo modificado a partir do momento que tanto no ensino de Geografia quanto em outras áreas, a escola vem trabalhando o perfil humano e afetivo de seus educandos.

Ainda sobre a importância do PPP para o sucesso do ensino, a escola destaca a importância da proteção ao patrimônio escolar e público em geral, sendo que isso também está de acordo com a proposta trazida nos PCNS para o ensino de Geografia. “Defender a preservação do patrimônio público.” (PPP, 2016, p. 34). Destacamos que esta finalidade está ajustada com o propõe o PCN de Geografia, quando frisa que o educando deve “reconhecer, na paisagem local e no lugar que se encontram inseridos, as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social” (BRASIL, 1997, p. 130).

Se por um lado toda essa base legal que rege o ensino da Escola Vigília Bezerra de Lima se mostrou eficiente no ensino de Geografia e em outras áreas também, por outro, a escola também precisou repensar os conteúdos inseridos em seu currículo para que as metas fossem alcançadas. Portanto, a elaboração destes conteúdos está em consonância com a teoria de Garcia (2014, p. 140) quando pensamos a sua conceptualização, já que se tratam do “conjunto de conhecimento, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida”.

Os conhecimentos a serem aprendidos também corroboram com as ideias de Zabala (1998, p. 8) quando este autor afirma que “haverá conteúdos que é preciso “saber” (conceituais), conteúdos que é preciso “saber fazer” (procedimentais) e conteúdo que admitem “ser” (atitudinais)”. Por isso, a escola está preocupada em não apenas seguir as regras que constam na lei, mas, pretende criar e personalizar os seus conteúdos e procedimentos de ensino para que os alunos aprendam mediante a apreciação do meio no qual está inserido, e, por meio do local, compreendam também o global.

Tanto Garcia (2014, p. 143), quanto Zabala (1998, p.8) conceituam os conteúdos ensinados pela escola. E esta instituição, por sua vez põe em prática a maioria das ideias destes autores, sempre adequando para a realidade dos alunos. Em relação aos conteúdos Garcia ETAL (2014, p.143) definem da seguinte forma:

Conceituais: Referem-se à construção ativa das capacidades intelectuais para operar com símbolos, ideais, imagens e representações que permitem organizar a realidade.

Procedimentais: Incluem, entre outras coisas, as regras, as técnicas, os métodos, as destrezas ou habilidades, as estratégias, os procedimentos consistem em um conjunto de ações ordenadas e com um fim, quer dizer, dirigidas para a realização de um objetivo.

Atitudinais: Englobam uma série de conteúdos que, por sua vez, podemos agrupar em valores, atitudes e normas. Cada um desses grupos tem uma natureza suficientemente diferenciada que necessitará, em dado momento, de uma explicação específica (GARCIA ETAL, 2014, p. 140).

Portanto, dentro do processo educativo, os conteúdos de ensino não são algo sem finalidade ou intencionalidade. O professor ensina um conteúdo porque deseja que o aluno aprenda e tenha determinada atitude dentro do contexto no qual se insere só que isto também acontece no PPP, nos PCNS e na própria LDB, o que muda é apenas o alcance que estas intencionalidades irão atingir. Para o ensino fundamental, Garcia (2014, p. 140), aponta para uma determinada organização dos conteúdos no sentido de a escola conseguir atingir os objetivos propostos no seu PPP. Para este autor:

Nesta fase, os conteúdos devem ser vistos com um meio para que os alunos desenvolvam as capacidades que lhes permitem produzir e usufruir dos bens culturais, sociais e econômicos. Os conteúdos e o tratamento que a eles deve ser dado assumem papel central, uma vez que é por meio deles que os propósitos da escola são operacionalizados, ou seja, manifestações em ações pedagógicas. São abordados em três categorias: conteúdos conceituais, conteúdos procedimentais e conteúdos atitudinais. (GARCIA ETAL, 2014, p. 140).

Nesse contexto, entra o papel do professor, importantíssimo na hora da elaboração dos planos de aula e como os conteúdos propostos serão relevantes para o aprendizado dos alunos, uma vez que não apenas é o responsável pelos conteúdos didáticos e pedagógicos, mas pelas atitudes e competências a serem desenvolvidas pelos alunos. No tópico seguinte será mais bem explanada a importância da formação continuada para uma melhor didática em sala de aula pelo docente, mas, ainda neste momento será entendida a relevância do professor sempre associar os conteúdos e objetivos em seus planos de aula com a realidade social e cultural de seus alunos.

Associar conteúdos escolares com a realidade social por mais que pareça solto a quem não se preocupa em refletir sobre o ensino como um todo, dentro da

geografia é importantíssimo, já que nos PCNS está posta a seguinte consideração: “contemplar temáticas de relevância social, cuja compreensão, por parte dos alunos, se mostra essencial para sua formação como cidadão”, (BRASIL, 1997, p. 123).

Ainda com relação ao ensino de Geografia e os conteúdos trazidos pelos professores o documento já citado reafirma a importância da seleção dos mesmos para que de fato aconteça um aprendizado significativo desta disciplina. Segundo reforça os PCNS:

Os conteúdos selecionados devem permitir o pleno desenvolvimento do papel de cada um na construção de uma identidade com o lugar onde vive e, em sentido mais abrangente, com a nação brasileira, valorizando os aspectos socioambientais que caracterizam seu patrimônio cultural e ambiental. Devem permitir também o desenvolvimento da consciência de que o território nacional é constituído por múltiplas e variadas culturas, que definem grupos sociais, povos e etnias distintos em suas percepções e relações com o espaço, e de atitudes de respeito às diferenças socioculturais que marcam a sociedade brasileira (BRASIL, 1997, p. 123).

Neste sentido, o professor deve abandonar as velhas práticas de apenas transmitir o conhecimento e buscar práticas que incentivem ao aluno a dialogar e refletir a respeito das dinâmicas que regem a sua e também a outras realidades. Claro que isso apenas se dará por meio da formação continuada deste profissional.

2.2 As aulas de Geografia nos anos iniciais: experiências a partir da pesquisa de campo

A turma selecionada para a pesquisa de campo foi uma turma de 2º ano do ensino fundamental e que era composta por 32 alunos matriculados. A pesquisa propriamente dita será apresentada no capítulo três deste trabalho, mas, para mostrar um pouco da distância entre a teoria proposta em toda a base legal já mencionada e a prática do ensino na turma, parte do que foi pesquisado, sobretudo, a caracterização da turma e as práticas de ensino adotadas pela professora em sala já serão apontadas neste tópico.

A pesquisa se deu por meio de observação das aulas, concedidas mediante autorização da direção e da professora titular da turma, bem como, por meio de resposta aos questionários que essas pessoas aceitaram responder. Mas, as fotos foram vetadas por conta de se tratarem de crianças e também o problema da

logística de ir à casa de cada uma delas solicitar aos pais a autorização, portanto, essa pesquisa limitou-se na observação e análise das respostas do questionário.

Em relação à turma, são alunos de sete e oito anos de idade que como já mencionado, encontram-se no 2º ano do ensino fundamental. A maioria é de origem humilde e os pais deles são assalariados e também pessoas que vivem com apoio dos programas do governo. Em relação à cultura, eles têm culturas diferenciadas de acordo com as condições sociais e também com o ambiente onde se inserem, já que nem todos pertencem à comunidade na qual a escola Vigília Bezerra de Lima se encontra inserida, e isso está diretamente ligado aos costumes deles.

A sala de aula onde eles estudam é arejada, já que a escola passou por reforma recentemente, mas, o problema é que não há material nenhum na sala que remeta ao ensino de geografia. Tendo apenas na parede o alfabeto e os números de zero a nove. Isso já quer dizer que há pouco espaço para o ensino de geografia na sala pesquisada. Ao analisar o plano de curso da professora observou-se que são 3 horas semanais dedicados ao ensino de Geografia, no entanto, a professora afirmou que a coordenação insiste em querer que a mesma substitua por aulas de alfabetização portuguesa ou matemática.

Observou-se ainda que quando a professora traz materiais diferenciados para as aulas de geografia os alunos se sentem motivados e prestam atenção aos ensinamentos da mesma. Do mesmo modo, percebeu-se que a docente se interessa de forma igual para com todas as disciplinas, mas, tem sua autonomia tolhida pela coordenação da escola. As práticas de ensino de geografia adotadas por ela são muito variadas. Ela utiliza jornais, revistas, ouve os relatos dos alunos e até trabalha com mapas desenhados no chão da sala e por meio deles explica pontos cardeais e mapas de localização da comunidade dos alunos.

No entanto, ela reclama que há uma falta muito grande de recursos que possam reforçar estas práticas e que a escola mesmo recebendo diversos recursos, não investe muito na área de geografia, limita-se a comprar jogos que envolvem linguagem e números, e investe nas outras turmas, como as do ensino fundamental maior. Sabe-se que a criança necessita estar em contato com seu objeto de ensino para que possa internalizar os conhecimentos. Sobre isso, Gilberto Velho (1987), apud Dayrell (1996), já dizia que:

Quanto mais exposto estiver o ator a experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta de ethos e visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relações ao nível do seu cotidiano, mais marcada será a sua autopercepção de individualidade singular. Por sua vez, a essa consciência da individualidade, fabricada dentro de uma experiência cultural específica, corresponderá uma maior elaboração de um projeto (VELHO, 1987, pp.32 apud DAYRELL 1996).

Pensando-se nas palavras do autor, pode-se concluir que não há prática docente efetiva sem a imersão do aluno em meio a seu objeto de conhecimento. Neste sentido, por mais que a professora traga materiais variados, a falta de recursos diretamente ligados com o saber geográfico vai enfraquecer as aulas e tornar ainda mais difícil o processo de ensino e aprendizado dos alunos.

No capítulo III será analisado o perfil e a fala da direção da escola e também da docente, no sentido de que agora é próprio docente que vai tecer as considerações sobre o ensino de geografia ofertado por ela aos alunos e por quais motivos o ensino se dá desta maneira. Até agora o que vem sendo trazido são considerações mediante as observações da pesquisa de campo e da teoria que rege sobre esta temática. No entanto, é necessário conhecer o lugar docente a partir da experiência e da fala dele, o que se dará a seguir.

3 A GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS: A PERSPECTIVA DE PROFESSORES E ALUNOS SOBRE O ENSINO E O APRENDIZADO

Ao longo deste capítulo, será mostrada tanto a importância que a Geografia tem na vida e na construção do conhecimento sistematizado dos alunos, quanto o que a prática pedagógica diferenciada e adequada representa na aquisição do conhecimento mencionado. Para embasar o pensamento abordado neste capítulo será tomado como objeto de pesquisa e análise a Instituição de ensino Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Vigília Bezerra de Lima da cidade de Delmiro Gouveia, AL. Onde se terá algumas das práticas de ensino de Geografia abordadas, bem como, o pensamento de professores e alunos sobre as mesmas. Isso servirá, sobretudo, para mostrar se estas são ou não eficazes na produção do conhecimento necessário para a vida dos alunos.

Antes de continuar a falar da visão em relação ao ensino da disciplina de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, se faz necessário reforçar a sua importância para os próprios alunos nessa etapa do ensino. Também, tendo em vista essa importância, precisa-se compreender as práticas de ensino dos docentes e onde elas vão agir na hora de os alunos aprenderem. Em se tratando do ensino de Geografia e o motivo deste já estar integrado desde os anos iniciais, os Parâmetros Curriculares nacionais-PCNS, já diziam que:

Desde as primeiras etapas da escolaridade, o Ensino da Geografia pode e deve ter como objetivo mostrar ao aluno que cidadania é também o sentimento de pertencer a uma realidade na qual as relações entre a sociedade e a natureza formam um todo integrado – constantemente em transformação – do qual ele faz parte e, portanto, precisa conhecer e sentir-se como membro participante, afetivamente ligado, responsável e comprometido historicamente (BRASIL, 1997, p. 113).

Castrogiovanni (2014, p. 37) também corrobora com estas ideias quando afirma que no ensino fundamental o ensino da Geografia “oferece a base para o aluno pensar no seu espaço, o que pode contribuir para a sua formação cidadã, para a construção da identidade, de sua noção de pertencimento, de sua autonomia de pensamento”. Ou seja, esse sentimento de pertencimento que o aluno desenvolve quando estuda as relações espaciais do lugar onde está inserido permite ao mesmo desenvolver um pensamento crítico em relação a isso, sendo uma das

características essenciais da inserção do ensino de Geografia neste ciclo de escolarização.

Nessa mesma linha de raciocínio, quando o aluno compreende o espaço vivido seja para se localizar o mensurar sua espacialização, ele também percebe as manifestações culturais deste lugar e com isso o pensamento crítico e reflexivo vai se construindo, e isso envolve política, economia bem como, fatores humanos e físicos destes locais. Neste sentido, o ensino da Geografia compreende o desenvolvimento do pensamento local para o global. Reforçando-se este entendimento, os PCNS de Geografia (1997, p. 123) consideram que:

Adquirir conhecimentos básicos de Geografia é algo importante para a vida em sociedade, em particular para o desempenho das funções de cidadania: cada cidadão, ao conhecer as características sociais, culturais e naturais do lugar onde vive, bem como as de outros lugares, pode comparar, explicar, compreender e especializar as múltiplas relações que diferentes sociedades em épocas variadas estabeleceram e estabelecem com a natureza na construção de seu espaço geográfico. A aquisição desses conhecimentos permite uma maior consciência dos limites e responsabilidades da ação individual e coletiva com relação ao seu lugar e a contextos mais amplos de escala nacional e mundial.

Pensando-se nestas palavras tem-se que a Geografia é uma ciência que integra o currículo escolar e possuem além desta dimensão do lugar vivido, subsídios para que os alunos possam conhecer, observar e entender o espaço vivido produzido e reproduzido pelo homem ao longo do tempo. Em se tratando desta área, a mesma encontra-se num âmbito dinamizado e que, portanto, passou por diversas modificações, partido de algo muito mais descritivo para um campo mais científico e crítico.

É diante destas modificações que este trabalho busca entender o espaço escolar no ensino da Geografia, os papéis que este espaço assume nas práticas de ensino e como os próprios educandos enxergam o espaço da escola. Em suma, os alunos tem uma perspectiva do espaço escolar enquanto campo de aprendizado, enquanto os professores tendem a buscar formas de inserir tal espaço dentro de seu plano de ensino para acompanhar e tornar o ensino de Geografia o mais dinâmico possível.

Para os primeiros contatos do aluno com a disciplina de Geografia, entende-se que compreender e se relacionar com estes espaços é de suma importância e serve como um divisor de águas no interesse ou no desinteresse futuro deste aluno

na disciplina de Geografia. O espaço escolar seja o da sala de aula, seja, o pátio ou os arredores da escola é relevante para o desenvolvimento cognitivo dos alunos e para sua formação integral. Portanto, é de fundamental importância que o professor e toda a equipe da escola elaborem um Projeto Político Pedagógico voltado para o uso destes espaços, não somente para a disciplina de geografia, mas, para todas.

Deste modo, ao analisar o Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Vigília Bezerra de Lima, encontramos uma carência na valorização destes espaços na prática, mesmo que no texto do documento tenham teorias que apontam para a importância do uso e exploração massiva destes espaços. A título de exemplo, iniciamos, citando os incisos III, IV e V11 das DCNEB, contidos no PPP da Escola para orientar os objetivos de aprendizagem no trabalho pedagógico realizado na unidade educativa, são eles:

III – A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes e da cultura dos direitos humanos e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

IV – O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

V – O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de respeito recíproco em que se assenta a vida social (BRASIL, 2013, p. 38).

Quando a Instituição por meio de seus representantes insere estes incisos na construção de seu PPP, está considerando, pelo menos em tese, a valorização do aluno enquanto sujeito, englobando-o nos mais diversos aspectos da sociedade. Portanto, ficou constatado que reúnem pontos importantes para um pontapé inicial no ensino de Geografia do modo como ele deve ser nos dias atuais

Outro ponto ressaltado sobre o PPP da escola é que ele está de acordo com os PCNS para o ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental em seus anos iniciais, pois afirma que “Reconhecer a importância de uma atitude responsável de cuidado com o meio em que vivem, evitando o desperdício e percebendo os cuidados que se deve ter na preservação e na manutenção da natureza”. (BRASIL, 1997, p. 131), é válido ressaltar que o trabalho realizado desta maneira favorece o aluno a desenvolver atitudes de respeito com o espaço escolar e com os objetos que nele constam.

No PPP da escola ainda se observa a seguinte manifestação em relação aos cuidados com o patrimônio escolar: “Defender a preservação do patrimônio público.” (PPP, 2016, p. 32). Destacamos que esta finalidade está ajustada com o propõe o PCN de Geografia, quando frisa que o educando deve “reconhecer, na paisagem local e no lugar que se encontram inseridos, as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social” (BRASIL, 1997, p. 130).

Portanto, focar nestes processos para um melhor aprendizado dos alunos é importante, mas, não adianta focar apenas na absorção dos conteúdos pelos alunos ou na transmissão dos conteúdos geográficos, mas, buscar meios pelos quais os educandos possam dialogar e refletir a sociedade local e nacional. Isso é possível por meio dos critérios adotados para a seleção dos conteúdos, refletindo-se nisto os aspectos socioculturais, ambientais, econômicos, políticos ou étnico-raciais, cultuando, dessa forma, a construção da identidade do aluno-cidadão. Essas ideias são completadas pelo que consta num trecho dos PCNS de Geografia, qual seja:

Outro critério importante na seleção de conteúdos refere-se às categorias de análise da própria Geografia. [...] espaço geográfico, paisagem, território e lugar sintetizam aspectos da organização espacial e possibilitam a interpretação dos fenômenos que a constituem em múltiplos espaços tempos (BRASIL, 1997, p. 123).

Neste sentido, antes de determinar e delinear os nortes da pesquisa desenvolvida é preciso, por meio destas palavras, confirmar a importância dos documentos que norteiam o processo educativo para o ensino de Geografia. Portanto, faz enorme sentido compreender essa importância antes mesmo de se saber a importância de professores e alunos no que diz respeito ao ensino e o aprendizado de Geografia na escola que serviu como campo de pesquisa.

3.1 A análise de conteúdo como forma de analisar o ensino de Geografia na ótica de professores e alunos

Uma maneira de se compreender as respostas ou a fala de alguém durante uma pesquisa de cunho qualitativo, é se utilizar da análise de conteúdo como forma se chegar a esta compreensão. Nessa forma de análise existe uma grande quantidade de dados a serem analisados e por isso é preciso em primeiro lugar, realizar a sistematização dos mesmos. A forma escolhida neste trabalho foi a

organização dos dados na forma do que Miskulin e Mendes (2017) chamam de colcha de retalhos, pois, consiste na sistematização dos dados de acordo com suas semelhanças. No caso dos áudios colhidos em entrevista via redes sociais, as respostas serão organizadas de acordo com as semelhanças nas mesmas, para depois serem analisadas de modo mais preciso.

É necessário também se ter confiança nos dados coletados na pesquisa e entender que as respostas fornecidas podem não representar a veracidade destas respostas, sendo necessária a compreensão do conjunto de teorias que estão por traz do discurso proferido nas mesmas. Portanto, em uma pesquisa que se utilize o cunho qualitativo com a análise de conteúdo, seja ele escrito, visual ou oral, os elementos descritos em tal pesquisa necessitam de uma interpretação diferente daquela que não se utiliza deste método. Segundo Mendes e Miskulin (2017) apud Flick (2004, p. 343) a pesquisa qualitativa com análise de conteúdos caracteriza-se,

(...) enquanto critério de avaliação da pesquisa qualitativa apenas em contraste com o pano de fundo de uma teoria específica sobre o assunto em estudo e que trate da utilização de métodos. No nosso caso, a teoria adotada foi a Comunidade de Prática (WENGER, 1998) e os instrumentos utilizados foram em forma de registros escritos, registros orais, entrevistas e diário de campo da pesquisadora, que nos possibilitaram perceber o caráter descritivo da pesquisa.

Portanto, é necessário pensar outros aspectos sobre o que está sendo pesquisado para que o entendimento final seja o mais próximo possível da realidade. sendo assim, diversos meios de coleta de dados podem ser utilizados. No caso desta pesquisa, optou-se pela realização de uma entrevista via redes sociais, e destas entrevistas retirou-se os áudios no sentido de agrupar as respostas semelhantes sobre a valorização do espaço escolar no ensino de Geografia para alunos e para a professora de uma turma de 2º ano do ensino fundamental I. Essa escolha metodológica se deu tanto pela possibilidade tecnológica atual, quanto pela viabilidade da mesma e inviabilidade das outras formas de pesquisa, tais como, questionário, entrevistas presenciais, dentre outras.

Para se compreender de modo ainda mais claro como se deu a composição dos dados da pesquisa é necessário reconstituir tal composição desde o seu cerne para que tudo fique o mais fácil de entender possível, pois, como dito antes, a análise de conteúdo se torna complexa por trazer também resquícios da personalidade dos sujeitos de pesquisa em suas entrelinhas. Neste sentido, abaixo

serão inseridas algumas informações sobre o perfil da turma de alunos entrevistadas e como se realizou essa entrevista, para depois, se fazer a organização e interpretação dos dados obtidos.

A turma selecionada é de uma escola estadual da cidade de Delmiro Gouveia, Alagoas. Essa instituição se localiza na zona urbana, sobretudo, de uma área de baixa renda do município. Essa informação embora não perguntada durante a entrevista, a qual se deteve a tratar de assuntos inerentes ao ensino e aprendizado de Geografia na turma, é importante para se compreender como a relação econômica dos alunos, sobretudo, os espaços aproveitados por eles no lugar onde residem influenciam no processo de aprendizagem em sala.

Ainda assim, a turma é composta de 20 alunos, dos quais apenas 10 aceitaram realizar a entrevista, não se sabendo os motivos pelos quais os demais não responderam se poderiam ou iriam ou não responder via redes sociais os questionamentos presentes na entrevista. Foi enviado aos pais um termo solicitando se os alunos poderiam ou não responder as perguntas pelas redes sociais, sendo que apenas a metade da turma estava presente no grupo criado numa determinada rede social para responder as perguntas da entrevista. A professora da turma selecionada foi entrevistada a parte para não influenciar nas respostas dos educandos caso fosse inserida no mesmo grupo. Outro detalhe é que nem os alunos tiveram acesso às respostas da professora e vice-versa.

Sobre o questionário que foi elaborado para a futura entrevista com os 10 alunos que aceitaram ser entrevistados, o mesmo foi pensado de modo a se compreender a própria visão que eles possuem sobre a Geografia e como a professora ensina os assuntos, sobretudo, se ela valoriza o espaço da sala e da escola quando vai ensinar esta disciplina. As respostas as perguntas se deram via redes sociais e o que foram analisados foram as respostas mediante os áudios recebidos durante o período que se realizou. Neste viés, as questões das entrevistas foram sucintas e diretas, pois, com idades que viriam de 07 a 09 anos, eles não teriam condições de responderem perguntas complexas, e também, o foco da entrevista era ser o mais lúdico possível. O quadro abaixo mostra como foram as perguntas realizadas no grupo de alunos cujos pais aceitaram sua participação no grupo da rede social online:

1) Você sabe o que é a Geografia? () sim () não

- 2) Você gosta de estudar Geografia () sim () não
- 3) A professora traz filme para você assistir na sala? () sim () não
- 4) A professora faz tarefas para você responder em casa? () sim () não
- 5) Professora leva você para passear fora da escola? () sim () não

Quadro 01: Perguntas a serem realizadas com os alunos do 2º ano. Fonte: o autor, 2020.

Abaixo, segue o quadro 02 com as perguntas realizadas via redes sociais com a professora da turma do 2º ano da escola selecionada como campo de pesquisa. Sabendo-se da desvalorização do ensino de Geografia na escola atual, sobretudo, no ensino fundamental em seus anos iniciais, teve-se a intenção de saber da docente se a disciplina é tão valorizada quanto as outras, bem como, se a escola apresenta recursos e dá as condições necessárias para que a mesma possa realizar aulas dinamizadas e com a valorização do espaço escolar.

- 1) A senhora acredita que a escola cumpre com que está escrito no PPP da mesma para o ensino de geografia? Por quê?
- 2) Sabendo-se que a carga horária do ensino de Geografia é limitada em relação a outras disciplinas, como a senhora trabalha os conteúdos com os alunos?
- 3) O que os alunos acham da forma como a senhora trabalha a Geografia?
- 4) Se a senhora pudesse mudar algo na escola para um melhor ensino da Geografia, o que seria? Por quê?

Quadro 02: Perguntas a serem realizadas com a docente da turma do 2º ano. Fonte: o autor, 2020.

Dadas as questões norteadoras das entrevistas a serem realizadas pelos alunos e pela professora, cabe agora compreender que as mesmas serão realizadas em momentos diferenciados nos quais primeiro os alunos serão questionados pelo grupo da rede social escolhida, sendo que os áudios enviados por eles serão impressos de modo literal, ou seja, o texto estará idêntico as suas falas para que se possa analisar as falas de forma realística. O mesmo ocorrerá com a docente, que independente se responder as perguntas por escrito ou por áudio terá sua impressão de modo literal. Entendido este ponto, para analisar o conteúdo das falas,

serão transcritos trechos neste trabalho e será analisada a percepção dos alunos e da professora sobre as perguntas com enfoque na literatura relacionada ao tema existente.

Complementando-se a análise dos dados obtidos, os mesmos serão organizados em tabelas e inseridos em gráficos no sentido de facilitar o entendimento das respostas das pessoas entrevistadas pelo leitor. As respostas serão agrupadas de acordo com a semelhança destas, retirando-se a premissa de que as mesmas não serão literalmente iguais, mas, terão o mesmo sentido pois nesta turma os alunos estão em construção de pensamentos e formação do intelecto fortalecendo um crítico.

3.2 O que diz a professora entrevistada sobre o ensino de Geografia na escola em que trabalha?

As falas da professora entrevistada apontam para uma carência no ensino de Geografia, sobretudo, no que tange a pouca carga horária que é tida para esta área. Ainda de acordo com a fala da professora quando perguntada sobre se a escola cumpre com que está escrito no PPP da mesma para o ensino de geografia, ela afirma que a escola tenta, mas, o plano de curso já vem da própria Gerencia Regional em parceria com a secretaria municipal de educação, as responsáveis pelas escolas do estado, e além disso, os gestores da gerencia ficam o tempo todo buscando saber se estes planos estão sendo cumpridos. Ainda na fala da professora podemos ver o seguinte:

Professora entrevistada: “a Escola Vigília tem condições de ofertar aulas não apenas de geografia, mais de educação física e outros tipos de lazer já que pode se utilizar do espaço que tem. O problema é que o plano de ensino que nos dão não dá condições pra isso. Os conteúdos são teóricos demais e praticamente só podemos usar o livro como recurso. E isso não é um problema somente da minha turma do segundo ano não, mas, de todos os anos”.

Como se pode observara na primeira fala da professora, entende-se que existe a desvalorização, e mais do que isso, o foco apenas no ensino focado na transmissão do conhecimento aos alunos, sem buscar meios pelos quais eles possam construir esse aprendizado. Neste sentido, os responsáveis pela elaboração destes planos de ensino não estão em consonância com o que aponta os PCNS para o ensino de Geografia, os quais deixam claro que:

Outro critério importante na seleção de conteúdos refere-se às categorias de análise da própria Geografia. [...] espaço geográfico, paisagem, território e lugar sintetizam aspectos da organização espacial e possibilitam a interpretação dos fenômenos que a constituem em múltiplos espaços e tempos (BRASIL, 1997, p. 123).

O que significa que os conteúdos devam favorecer a aprendizagem dos alunos sobre o espaço onde ele convive, ou seja, a casa, o bairro e a própria escola, sendo que quando os responsáveis por elaborar as práticas de ensino correspondente a estas habilidades, eles estão negligenciando o processo cognitivo dos alunos.

Quando a professora foi perguntada sobre a carga horária para o ensino de Geografia e sua suficiência ou não para a ministração das aulas correspondentes, a mesma deixou claro que praticamente não dava aulas de Geografia durante a semana, e justificou o motivo:

Professora entrevistada: “quando a gente se reúne com a coordenação da escola, ela faz as avaliações diagnosticas para os alunos, mas, o problema é que só é analisado o Português e a Matemática dos alunos, nestes testes não existem outras disciplinas. Quando os alunos estão fracos nestas áreas os coordenadores pegam pesado com a gente. As aulas de Geografia são duas na semana, mas, os gestores praticamente pedem que a gente suprima estas aulas para dar somente português e matemática. Eu gosto de ensinar geografia porque é um momento que mais dá para explorar a escola e os matérias didáticos, mas, se fizer isso, perco tempo com as disciplinas que acham mais importantes. O problema então não é apenas a carga horária, mas, a desvalorização das disciplinas”.

A professora afirmou que existe a desvalorização das disciplinas que não seja a Língua Portuguesa e a Matemática e que a pressão imposta pela coordenação pedagógica é determinante para que as aulas da disciplina de Geografia sejam suprimidas em no máximo uma tarefa para os alunos reproduzirem, o que mais uma vez não está de acordo com as premissas dos documentos norteadores do ensino básico.

Há quem diga quando avaliamos também estamos sendo avaliados, e foi neste sentido que uma das perguntas realizadas durante a entrevista com a docente foi o que os alunos achavam das aulas de Geografia. A intenção desta pergunta foi no sentido de como era a reação emocional dos alunos quando ela dizia que seria uma aula de geografia. Ela respondeu o seguinte:

Professora entrevistada: “eles fazem uma cara de tédio e outros fazem até uma expressão de rejeição quando digo que vai ter uma tarefinha de geografia para eles responderem, ou quando escrevo o nome ‘geografia’ no quadro branco. Eu me sinto muito triste, mas, não consigo fazer muita coisa diante da pressão que levo para fazer apenas leitura e interpretação ou situações-problemas com eles. Mas, respondendo a sua pergunta, acredito que eles não gostam, e se essa realidade não mudar, eles avançam de ano sem saber o que vem a ser a geografia”.

De acordo com o pensamento de Kimura (2008, p. 103) ““No processo de conhecimento, é importante realizar abstrações em que o aluno vá desapegando-se do conceito imediato”. Ou seja, os procedimentos didáticos-pedagógicos para o ensino de qualquer disciplina não devem primar por apenas a memorização de conteúdo, ou seu ensino de forma rasa. É o que se percebe na fala da professora. Por mais que a mesma não tenha liberdade total para realizar as aulas a seu gosto, ela recebe uma parcela de culpa pelo fato de não aproveitar o tempo que tem para a realização de aulas mais produtivas e significativas com seus alunos.

Por último, perguntou-se a professora sobre que modificações ela faria na escola, sobretudo, no sentido de tornar as aulas de Geografia de mais eficientes e valorizadas. A resposta, extensa, mostra que a escola apresenta problemas diversos. Conforme a fala dela:

Professora entrevistada: o problema mais sério de acordo com a minha concepção, está má distribuição do calendário escolar, o qual apresenta muitas aulas de apenas duas disciplinas e não sobre tempo para as aulas de outras que exigem muito mais aulas práticas do que estas que são supervalorizadas. Portanto, uma das mudanças a ser feitas, era a equiparação dos horários. Outro ponto que acredito ser importante é a aquisição de recursos didáticos para as aulas de Geografia nos anos iniciais, porque a escola só tem recursos para o segundo ciclo do ensino fundamental e para o ensino médio, faltando recursos mais lúdicos para os alunos aprenderem sobre o espaço onde estão inseridos. Por fim, diante destas mudanças já ditas outra mudança seria as nossas próprias práticas de ensino, pois hoje em dia os alunos se encontram muito passivos no processo de aprendizagem.

Nesta última questão proferida a professora, ela aponta com clareza que conhece as principais necessidades da escola em que trabalha. Ela também almeja aulas nas quais possa desenvolver metodologias que os alunos sejam mais ativos em seu próprio processo de aprendizagem. Ela também acredita que os recursos didáticos tem uma função importante quando se deseja um ensino eficaz. Em outro ponto da entrevista ela fala que como principal recurso só tem o livro didático. Essa é uma atitude criticada por Cavalcanti (2013, p.374) quando enfatiza que “nas aulas

de Geografia, ainda se percebe com muita frequência o apego ao livro didático tanto como a base para estruturar e selecionar os conteúdos escolares como para a preparação das aulas”.

3.3 A Geografia na perspectiva dos alunos de uma turma do 2º Ano do Ensino Fundamental

Agora, compreendendo as principais dificuldades e as concepções que a professora regente da turma em questão apresenta a respeito de como se dá o ensino de Geografia na escola em que ensinam, a entrevista realizada com os alunos mostra o reflexo de um ensino que se mostra carente e distante da proposta que teoricamente se impõe no Projeto Político Pedagógico da instituição em questão. Neste viés as respostas dadas pelos alunos foram sintetizadas em gráficos para facilitar o entendimento de futuros leitores que venham a apreciar esta monografia. Assim, a primeira pergunta realizada com eles via redes sociais foi se os mesmos sabiam o que era a disciplina de Geografia. As respostas estão localizadas no gráfico I abaixo:

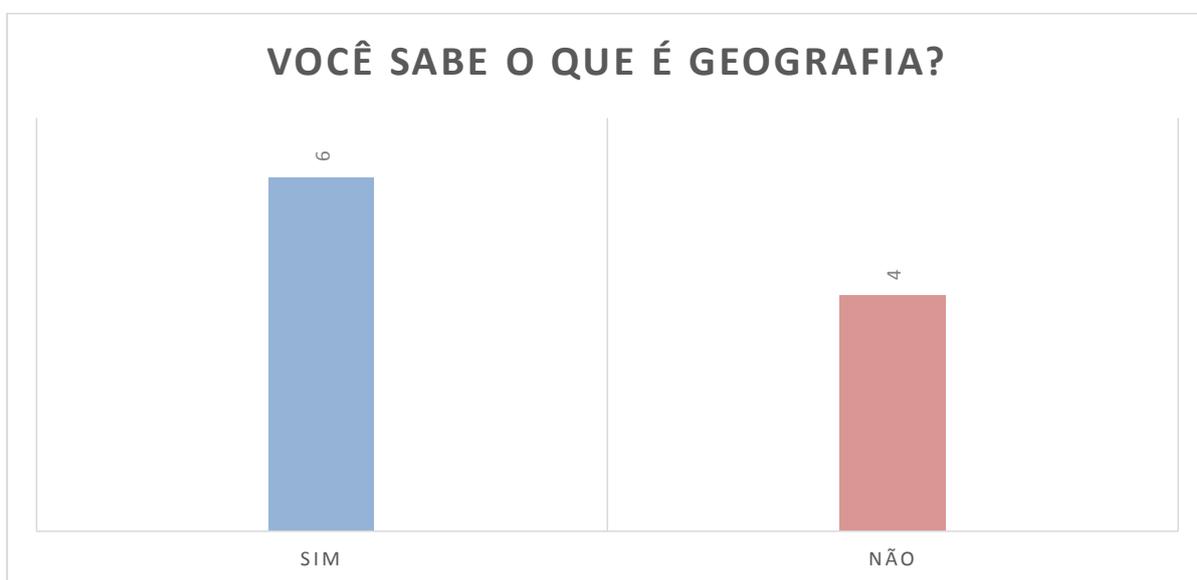


GRÁFICO I: Alunos do 2º ano do Ensino Fundamental que compreendem o que é Geografia.

Fonte: o autor, 2020.

A pergunta acima está diretamente relacionada com a pergunta que compõe o gráfico abaixo, pois, se a maioria dos alunos entrevistados não sabe do que se

trata a Geografia, a consequência são eles não gostarem da disciplina, como mostra o gráfico II abaixo.

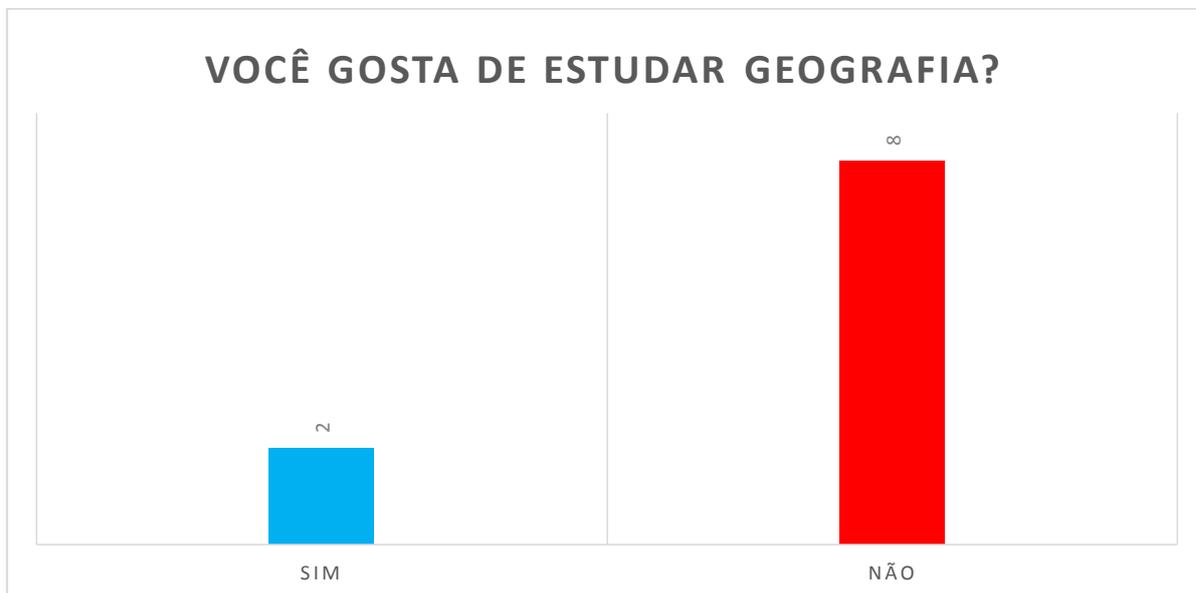


GRÁFICO II: gosto dos alunos da turma do 2º ano do ensino fundamental pela Geografia.

Fonte: o autor, 2020.

Os alunos foram questionados se a professora levava filmes inerentes ao ensino de geografia, como por exemplo. Documentários, filmes, músicas, ou qualquer outro vídeo que pudesse retratar como é a geografia e/ou o que ela nos ensina. Eles disseram que algumas vezes a professora coloca filmes no Datashow para eles conhecerem a história da cidade de Delmiro Gouveia-AL, e também mostra as fabricas e os bairros antes e hoje. Pedindo pesquisa para eles fazerem em casa.

Analisando essa que foi a fala dos alunos, mesmo que eles tenham variado o repertório de palavras na hora de falar, observamos que há o esforço por parte da professora, que poderia acrescentar outras metodologias tais como a produção de mural, ou o próprio trabalho interdisciplinar no sentido de que os mesmos pudessem interligar o aprendizado de geografia com outras disciplinas.

Portanto, é uma via de mão dupla, sendo que a professora poderia otimizar o tempo que em para valorizar o espaço da sala e da escola com as atividades de geografia para a sua turma, e a escola, por sua, vez, investir em recursos didático-pedagógicos para que isso viesse a ser possível. Pois, quando não ocorre desta maneira, os alunos estão fadados a aulas monótonas e que conferem aos

educandos as condições necessárias de um aprendizado minimamente crítico e reflexivo.

Quando perguntados sobre se gostavam das atividades as quais a professora mandava para casa para que eles respondessem junto com a família, os alunos responderam que as atividades que eles levavam eram apenas de “responder continhas e leitura de texto”. Na rede social selecionada perguntou-se se eles não respondiam outras atividades em casa, ou se faziam pesquisa em livros e na internet, ao passo que eles disseram que estudavam sobre plantas, bichos e nada mais. Para esta resposta o que fica claro é o que já vem se considerando antes, que é a defasagem do ensino de Geografia e também de outras áreas de humanas na educação infantil e também no ensino fundamental I.

Uma breve análise destas respostas aponta para o conhecimento da docente em relação a importância do estudo da geografia pelos alunos, pois, reconhecem que o tempo proposto para a ministração das aulas ofertado pela escola é insuficiente para que metodologias nas quais possam aproveitar-se do espaço escolar para aulas mais dinâmicas e que proponham, de fato, aquilo que é previsto nos documentos legais.

Por outro lado, os alunos refletem em suas respostas as consequências da falta de espaço que a Geografia apresenta no currículo dos mesmos. Portanto, é correto afirmar que eles não apresentam elementos em suas afirmações sobre a formação cidadã, a qual os possibilita pensar o espaço sobre o viés da criticidade, entendendo as várias faces das ocupações e modificações do espaço e da paisagem, através da interferência das gerações, seja pelo trabalho ou pela necessidade de adequá-lo à sobrevivência em sociedade.

Estas são características que acabarão por levar os alunos não se interessarem pela disciplina e como possíveis complemento a isto, eles cresçam sem entender e nem praticar o conceito de cidadania e outros muitos saberes que o ensino da Geografia propõe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Geografia nos dias de hoje passou por intensas transformações, o que foi fruto de diversos trabalhos e pesquisas que ocorreram no sentido de se compreender a sociedade. O conteúdo desta Área de conhecimento por mais que alguns vejam de modo superficial e sintética, são deveras complexos, necessitando de um debate aprofundado para que ainda na primeira etapa da escolarização básica os alunos tenham acesso a saberes que atinjam o nível de discussão permeado pela mesma.

Neste sentido, vale ressaltar que a própria clientela atendida nas escolas brasileiras também se modifica e a escola precisa dar uma resposta a estas modificações, e isso somente acontece quando a instituição pensa no aluno enquanto um sujeito que é crítico, reflexivo e produtivo, elaborando um conteúdo programático que fortaleça essas qualidades trazidas por estes sujeitos. É uma necessidade do alunado de hoje debater, conversar, dar seu ponto de vista sobre o tema da aula. É papel do professor sistematizar esses conhecimentos levando o aluno a se sentir cada vez mais desafiado e produzir novos conhecimentos, e quando refletimos sobre isso, é preciso dizer que estas proposições devem ocorrer com aluno dos anos iniciais, onde não se pode esperar que o mesmo chegue aos anos finais para que aulas mais ricas aconteçam.

O problema é: como realizar todas essas atividades quando o ensino de Geografia na escola pública hoje se tornou um verdadeiro desafio frente a questão de estrutura destas escolas, falta de valorização da carreira docente e de recursos financeiros? Essas questões tornam não apenas o ensino da Geografia, mas, de todas as disciplinas verdadeiros desafios a todos que compõe a escola. Assim, o professor, enquanto um profissional consciente de suas atribuições pode e deve buscar soluções para reduzir a falta dos recursos do seu ambiente de trabalho. Um dos pilares mais importantes é saber ouvir seus alunos, seus anseios, dúvidas para produzir aulas mais significativas e voltadas para estas dúvidas.

Este trabalho foi de grande valia para se compreender algumas dinâmicas do ensino de Geografia nos anos iniciais de uma escola pública. Por meio dele, verificou-se que a falta de diversos recursos é muito prejudicial a prática de ensino da maneira como o professor imagina, ou seja, por mais que se pense aulas práticas, com recursos coloridos, que chame a atenção das crianças e jovens, isso

não vai para a prática mediante os recursos limitados e/ou indisponíveis para que as atividades aconteçam. Portanto, os recursos limitados se tornam um verdadeiro empecilho no processo de desenvolvimento de aulas mais significativas.

A escola que foi o campo de pesquisa, a Escola Estadual Vigília Bezerra de Lima, é um exemplo de um ambiente que é amplo e atende a um público diversificado. Contudo, a pesquisa realizada nesta escola apontou que existe carência de material didático diferenciado para a elaboração de aulas produtivas e que atinjam os requisitos já mencionados neste trabalho. Isso acontece não apenas na área pesquisada, a Geografia, mas, quase todas as outras Áreas.

O capítulo I foi pensado e escrito no sentido de trazer alguns aspectos históricos e geográficos da Escola Vigília Bezerra de Lima, mostrando que historicamente, a mesma nunca foi alvo de políticas educacionais de nenhuma esfera do Estado, sempre recebendo poucos recursos, mesmo tendo acesso a diversos documentos que regulamentam o ensino desta instituição. Percebeu-se ao longo da pesquisa de campo que a escola apesar de atender um público desfavorecido economicamente, não tem uma atenção por parte das autoridades.

O capítulo II abordou uma discussão sobre a importância da formação docente e seu papel frente aos desafios mencionados nos parágrafos anteriores. Também foi feita uma breve caracterização do perfil dos alunos da turma selecionada para a pesquisa, mostrando que se trata de alunos que moram no subúrbio da cidade de Delmiro Gouveia-Al. São alunos que necessitam de atenção especial por parte de todo o corpo docente e também das esferas do poder público. Os professores, por sua vez, segundo as observações pesquisas realizadas se mostram também carentes de recursos e que, portanto, sofrem por não conseguir desenvolver aulas significativas.

No capítulo III apresentou-se a sistematização dos dados coletados pelo instrumento de pesquisa escolhido, que foi o questionário. Buscou-se entender como alunos e professores se reconheciam perante a disciplina de Geografia. Esta etapa do trabalho foi um desafio a ser cumprido, sobretudo, pelo perfil dos alunos, os quais se tratavam de alunos de uma turma de 2º ano do ensino fundamental. Já os professores, ao responder as questões deixaram claro que tentam ensinar a Geografia se utilizando dos recursos que tem. Buscam utilizar os espaços da escola e produzir seu material de apoio. Outro ponto que deu para compreender foi o quão

desvalorizado eles se sentem na medida em que buscam realizar aulas diferenciadas, mas, a falta de tais recursos os impede de tal ato.

Este trabalho foi distribuído em partes para ser mais bem entendido por ler. 50% para o ensino de forma dinâmica, 25% em pesquisas para desenvolver o interesse por pesquisas e 25% entre outros meios de mostrar a geografia por meio de diferentes aspectos.

Falar do ensino de geografia é algo que não é conclusivo, tendo em vista que é uma ciência dinâmica, sendo que os dados coletados possam não terem mais validade daqui a seis meses. Os problemas como falta de recursos ou valorização da carreira docente podem não existirem neste tempo e os problemas podem ser outros. O fato é que estes são os problemas de agora e é sobre eles que a discussão tem que ocorrer, porque são eles que vêm sendo os empecilhos para a inserção de um ensino pós-crítico na escola.

Acredita-se que é para isso que a universidade existe e faz pesquisa, para encontrar essas problemáticas e trazer para a realidade. Sabendo de tais problemas, ficará mais fácil buscar alternativas. A pesquisa aqui realizada não é um fim para no que tange ao tema e à inquietação que levou a elaboração da mesma. Espera-se que seja apenas um começo e que outras pesquisas possam ser feitas para que seja mais fácil a caminhada em busca de soluções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF. 2007.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara Superior de Educação. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf Acesso em: 14 de dezembro de 2020.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretaria de Educação Fundamental Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLAI, Helena Copetti. Escola, cotidiano e lugar. In: BUITONI, Marísia Margarida Santiago. **Geografia: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CAVALCANTI, Lana De Souza. **A Geografia e a Realidade Escolar Contemporânea: Avanços, Caminhos, Alternativas** Anais Do I Seminário Nacional: Currículo Em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro. 2010

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas (SP): Papyrus, 2012. p. 39-59; p. 175-198.

DAYRELL, Juarez T; GOMES, Nilma L. **A juventude no Brasil**. Belo Horizonte: Mimeo. 2004.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; CORROCHANO, Maria Carla. “Juventude, socialização e transição para a vida adulta”. In: GUIMARÃES, Maria Tereza Canezin; SOUSA, Sônia M. Gomes (Orgs.). **Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas**. Goiânia: Editora UFG; Cãnone Editorial, 2009.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Bookman, 2004

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. Tradução Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. **Coleção Educação e Comunicação**, vol.1.

INEP. **Sinopse Estatística Da Educação Básica**, 2013, 2014, 2015. Brasília: INEP, 2016.

KIMURA, Shoko. **Geografia No Ensino Básico**: Questões e propostas/Shoko Kimura. 2ª ed. São Paulo. Contexto. 2010

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa**: Como ensinar. Tradução de Ernani F. dáF.Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SITES

<https://ibge.gov.br/> acesso em 04 de novembro de 2020